

Com sotaque lusitano

Fotos de divulgação

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Verdadeiro açoite na recatada sociedade lisboeta do século passado e responsável por um estrondoso escândalo na época de seu lançamento, em 1878, o romance *O primo Basílio*, do escritor português Eça de Queiroz, chega à televisão 110 anos depois, ainda com alguns problemas com a censura. Com oito horas de duração e dividida em 16 capítulos, a série, que a Rede Globo apresentou à imprensa em São Paulo na noite de anteontem, leva as assinaturas de Daniel Filho (direção e produção) e Gilberto Braga e Leonor Basseres (adaptação). A estréia está marcada para o dia 9 de agosto, às 22h30min, horário em que *O primo Basílio* irá ao ar, de terça a sexta-feira.

Em meio a um megaelenco de 62 atores, figuram estrelas do brilho de Marília Pêra, Tony Ramos, Giulia Gam, Marcos Paulo, Beth Goulart, Guida Vianna, José de Abreu, Zilka Salaberry, Sérgio Viotti e Louise Cardoso. "A série foi produto do inconsciente coletivo", definiu Daniel Filho, há um ano às voltas com o projeto. Para reproduzir o espírito da Lisboa do fim do século XIX, ele viajou diversas vezes a Portugal. Entre o início da produção e a gravação, foram gastos cinco meses. A preocupação com o rigor fez com que o elenco tomasse aulas de imitação e fonética portuguesas com a fonoaudióloga Gloria Beutenmuller, que optou por um linguajar assimilável em todas as regiões brasileiras e até mesmo em Portugal.

A história de *O primo Basílio* gira em torno do adultério de Luiza (Giulia Gam), uma lisboeta fútil e indolente, casada com o engenheiro Jorge (Tony Ramos), que se deixa seduzir pelos galanteios refinados de seu primo, o dândi e aventureiro Basílio (Marcos Paulo), recém-chegado do Brasil, onde fez fortuna. De posse das cartas amorosas de Luiza, a criada Juliana (Marília Pêra) passa a chantageá-la. Despreparada para assumir a sua relação com o primo, que afinal não é mais do que um conquistador barato para quem, como entendeu o ator Marcos Paulo, só existe o jogo da sedução ("o jogo da construção ele desconhece e nem tem o objetivo de conhecer"), o poder tirânico de Juliana acaba por provocar a sua morte — uma morte de culpas.

"A Juliana é uma prova bonita para uma atriz, mas é terrível enfrentar essa prova", admitiu Marília Pêra, que no início relutou muito em aceitar o papel. "Já fiz personagens terri-



veis, como nas peças *Apareceu a Margarida* e *A megera domada*, mas nestes dois casos havia algum humor, alguma sensualidade. Já a Juliana é uma mulher essencialmente ressentida com a vida, azeda, amargurada", diz Marília. "É uma isca seca", conclui, usando o mesmo rótulo que Eça de Queiroz colocou na boca das outras criadas da casa para referir-se a Juliana. Giulia Gam, a atriz de 21 anos que encarnou Jocasta na primeira fase da novela *Mandala*, conta que as duas passaram por confrontos tão pesados entre suas personagens que no final das gravações Marília tinha pesadelos e ela mal conseguia dormir. "Foi um trabalho duro. Passei dias chorando escondida no banheiro, porque tudo o que envolvia a Juliana era terrível", confessa Marília Pêra. Honesta, a veterana atriz admite que Juliana pisoteou a sua vaidade: "Quando



Marília Pêra achou difícil trabalhar na minissérie estrelada por Marcos Paulo

temos 20 anos e fazemos um personagem que envelhece, é engraçado. Aos 30, ainda dá. Mas aos 45 é difícil. Juliana teria 40 anos, cinco a menos do que eu, mas ela deveria aparentar muito mais", conta.

Os autores da transposição do romance para a televisão procuraram seguir ao máximo o texto original, interferindo raramente no mundo criado por Eça de Queiroz. Mas, para realçar o caráter folhetinesco do romance, eles se permitiram alguns vãos autônomos — como, por exemplo, ao decidir que a picante Leopoldina (Beth Goulart), que acentua em Luiza o "gostinho" pela traição, não apareceria somente na segunda parte. "Se o Eça tivesse escrito o romance para a TV, tenho certeza de que ele poria a Leopoldina mais no começo", justifica um dos autores da adaptação, Gilberto Braga.